

SBH
P47 213
1/2

44/09/10
A femal

O jornal

10. IX. 1944

Significação de Donne

OTTO MARIA CARPEAUX

Ao grande público, o poeta inglês John Donne se tornou conhecido pela magnífica página de prosa da qual Hemingway tomou emprestado a epígrafe do seu último romance: "Talvez aquele por quem os sinos dobram, esteja tão doente que nem sabe que dobram por ele; e talvez eu mesmo me considere muito mais forte do que acham os circunstantes que veem o meu estado e mandaram dobrar os sinos por mim, e eu não sei. A Igreja é "católica", quer dizer, universal, e todos os seus atos são católicos, universais. Tudo o que a Igreja faz, concerne a todos. Quando ela batiza uma criança, isto concerne a mim, pois de então em diante aquela criança fica ligada à cabeça do corpo místico, assim como eu também, e fica implantada no corpo de que sou também membro. E quando Ela entra um homem, esse ato concerne a mim. Daí, quando os sinos chamam ao sermão, não chamam apenas o pregador mas toda a comunidade; assim, esses sinos chamam a todos nós, e quanto mais chamam a mim que, por essa enfermidade, está tão próximo da Porta. Os sinos dobram por aquele que acredita que eles dobram; embora que interrompessem, ele, porém, desde aquele momento fica unido com Deus. Quem não levanta os olhos para o sol nascente? Quem não desvia os olhos assustados de um cometa que surge? Quem não presta os ouvidos a quaisquer sinos que ressoam em qualquer ocasião? Mas quem pode deixar de ouvir aqueles sinos que chamam um pedaço dele próprio para fora deste mundo? Nenhum homem é uma ilha, um todo; cada um é um pedaço do continente, é parte do todo. Quando o mar leva um pedaço da terra, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório ou a casa de teus amigos ou a tua própria; a morte de qualquer homem me diminui, porque estou envolvido no gênero humano; por isso, não mande para saber por quem os sinos dobram; dobram por ti."

Até na tradução livre, que pretende imitar a cadência do inglês arcaico, essa prosa sugere o estranho frêmito que o poeta do século XVII inspira aos leitores de todos os tempos; frêmito que é o efeito sabiamente calculado da combinação do sublime pensamento religioso com o naturalismo cruelmente direto da expressão e certa eloquência dialética de advogado. Uma arte tão intelectual provoca a curiosidade. Mas as dificuldades inerentes à poesia complicada de Donne não constituem o único obstáculo à satisfação dessa curiosidade.

Chamaram-me a atenção para o fato de que não existe, em língua portuguesa, fonte alguma de informações sobre Donne. Mas tampouco em língua espanhola; e nem sequer em francês, exceto um livro de erudição especializada. Mesmo para os que leem outras línguas, são hoje inacessíveis os trabalhos do italiano Mario Praz e do alemão Paul Meissner, pouco conhecidos até nos seus países de origem. A glória atual de Donne, verdadeira Renascença de Donne, é um fenômeno especificamente inglês; mas o propósito, em primeira mão informativo, deste artigo justifica-se pela convicção de se tratar, naquela renascença de Donne, dum fenômeno de significação universal, que concerne a todos". O Espírito é católico", o que significa universal, e os sinos de Donne dobram, embora que em língua inglesa, para todos nós, ingleses e latinos, devotos e descrentes, para todos que vivem hoje para morrer e ressurgir.

John Donne ressurgiu após dois séculos de desprezo geral, durante os quais era considerado poeta estrambótico e espírito desviado. Hoje, os seus poemas, na edição de Grierson, ou na excelente antologia de poeta ingleses do século XVII que o mesmo "schoolar" editou, constituem o prevariário poético dos estetas mais requintados e dos poetas mais revolucionariamente socialistas de ambos os lados do Oceano anglo-saxônico. A revalorização de Donne teve por consequência a revisão geral de todos os valores poéticos da língua inglesa, derrubando muitos "medalhães" idolatrados pelos séculos a fio, ferindo muitos espíritos classicamente conservadores; estes últimos não deixam de denunciar aquela revisão dos valores poéticos como resultado duma perversão dos valores morais — e é preciso admitir que a vida de Donne (para qual a biografia de Gosse continua a fonte principal de formação) justifica um pouco aquele ponto de vista.

John Donne, quase contemporâneo de Shakespeare, nasceu no

seio da comunidade católica, então rudemente perseguida na Inglaterra. Caso raro, o de Donne e do catolicismo inglês; ali, catolicismo significa oposição, e Donne é a oposição incarnada, até à oposição a si mesmo. Converteu-se à Igreja Anglicana à qual ele detestava. Sentindo a vocação religiosa, tornou-se soldado, acompanhou as expedições de pirataria heróica de Essex para Cadix e os Açores. Nomeado secretário do chanceler-mór do reino, estragou-se a carreira, raptando a sobrinha do Lord, de 16 anos de idade, e casando-se com ela clandestinamente, contra a vontade do pai dela, que mandou encarcerá-lo. Por meio de panegíricos poéticos, inteiramente insinceros, conseguiu as boas graças do poderoso Earl of Somerset; e não somente abusou dos seus dons poéticos, mas também dos seus imensos conhecimentos de direito civil para ajudar Somerset num escandaloso processo de divórcio. Retribuindo esses serviços suspeitos, Somerset interveio em favor de Donne quando este pretendia ordenar-se como sacerdote da Igreja Anglicana; depois estava na lógica dos fatos a nomeação para capelão da Ordem dos Advogados.

Poucos anos mais tarde, John Donne é deão da Catedral St. Paul's em Londres, o maior pregador da época, os seus sermões assustaram até os seus inimigos puritanos, e um dos seus paroquianos mais devotos e mais ingenuos, Izaak Walton, o doce pescador à linha, escreveu-lhe a biografia comovida: biografia de um santo.

A literatura que Donne deixou, não é menos cheia de contradições; ao lado de diatribes injuriosas contra católicos e jesuítas (para provar a sua ortodoxia anglicana), estão as *Devotions upon Emergent Occasions*, meditações nas quais se encontra aquela passagem sobre os sinos, e que revelam uma devoção bem catolizante (até não falta a doutrina do corpus chirsti mysticum, aplicada com a astúcia dum advogado esperto, para acertar a fundo o sentimento de solidariedade do gênero humano); enquanto nos *Essays in Divinity* exhibe imensa erudição patrística, defende em *Paradoxes and Problemes* a volubilidade do apetite sexual ("que faz da mulher a coisa mais deliciosa do mundo"), e elogia em *Biathanatos* o valor moral do suicídio, ao lado da poesia erótica mais violenta que existe em língua inglesa ("To his Mistress going to Bed" é um hino exaltado à nudez), encontram-se os tremendos *Sonetos Sacros*, cheios de obsessão da morte; e ao cepticismo amargo das suas sátiras, Donne opõe a filosofia mística (e bastante herética) do poema *Prose of the Soul*, em que a doutrina da solidariedade sentimental da Humanidade se transforma em teoria de metempsicose, envolvendo o microcosmo Homem no macrocosmo, no Universo.

Esse John Donne parece contemporâneo nosso. Lembra Strindberg, blasfemador e contrito ao mesmo tempo; ou lembra o Kafka do *Processo*, do *Castelo*; ou lembra Gide que publicou no mesmo ano *Si le grain ne meurt* e *Num quid et tu?* O admirador mais exaltado não deixará de admitir certa inconsistência na própria obra poética de Donne: aos esplêndidos e famosos versos iniciais — "Goe, and cache a falling starre" e "Thou hast made me, And shall thy worke decay?", "Busie old foole, unruly Sunne" e "Death be not proud, though some have called thee", "Twice or thrice had I loved thee" e "Let mans Soule be a Spheare, and then, in this" — e ao brilho extraordinário das metáforas isoladas, nem sempre corresponde a estrutura arquitetônica dos poemas. Essa inconsistência é traço típico do romantismo, e em outras épocas, também na nossa que nunca conseguiu eliminar a lição do romantismo, Donne talvez tivesse sido poeta romântico. Distingue-se, porém, do romantismo, que é expressão do sentimento subjetivo, pela falta absoluta de subjetivismo sentimental. Ao contrario, Donne é realista e intelectualista; a sua poesia submete-se, dialeticamente, às exigências mais contraditórias da dura realidade à qual não opõe o sentimento revoltado e sim a

inteligência aguda e às vezes abstrusa. São, todos, traços característicos da época na qual se encontram uma erudição imensa e meio inútil e os começos das ciências experimentais, o erotismo mais lascivo e a mística mais angustiada, a pompa mais cerimoniosa e a crueldade mais bárbara dos costumes: traços característicos da época barroca que confiava em dominar as contradições duma era de transição social pelos instrumentos duma dogma teologicamente intelectualizado e duma ciência empiricamente racionalizada. John Donne, homem do barroco, é um poeta intelectualista.

A poesia de Donne mal deixa entrever a erudição enorme do poeta; mas os estudos de M. Paton Ramsay e Ch. M. Coffin confirmaram os respectivos elogios do primeiro biógrafo. Donne dominava a filosofia aristotélica medieval e a especulação neo-platônica da Renascença; conheceu Dante e Rabelais, Tasso e os espanhóis; acreditava poeticamente na física e astronomia antigas de Aristóteles e Ptolomeu, e acreditava cientificamente no novo mundo de Copernico, Galileu e Bacon. Nada de humano e nada de deshumano lhe era alheio. Dessa erudição tirou os símiles e metáforas mais surpreendentes, a mistura desconcertante de noções abstratas e comparações brutalmente naturalistas, bem típica da época de Descartes e Pascal, na qual os físicos eram místicos e os místicos eram matemáticos. Na noção mística do Macrocosmo, da unidade superior do Universo (e do género humano) encontram-se a metafísica e a mecânica barrocas; anatomistas exaltados descobrem as leis do Universo na estrutura do Microcosmo, do corpo humano, ao qual Donne canta os hinos mais entusiasmados, embora não desinteressados. O cepticismo de Donne — fruto da sua hesitação entre catolicismo e protestantismo numa época de guerras de religião — é o reverso do seu misticismo que se eleva acima das teologias estabelecidas e contudo não renuncia aos filosofemas da metafísica racional. Como poeta e cristão céptico, Donne não deixa de ser irracionalista; mas o irracionalismo barroco serve-se de todo o instrumental da inteligência racional, transformando o misterio em alegoria transparente, e o mundo em jogo de palavras espirituosas. Donne é um poeta intelectual.

A poesia de Donne é poesia experimental, como é experimental a ciência da sua época. A poesia é o seu instrumento para investigar a fundo as suas paixões sexuais e as suas angústias místicas. Donne quebrou a convenção petrarquêsca que dominava toda a poesia amorosa dos séculos; substituiu as expressões convencionais por metáforas inteiramente novas que se sucedem em fuga vertiginosa de associações, ao ponto de o leitor já não poder acompanhar o poeta que se torna hermético. Mas esse hermetismo é de todo diferente do hermetismo erudito da Renascença, com as suas alusões mitológicas, das quais tanto gostava Milton, o maior classicista inglês; Donne, ao contrario, evita a elevação artificial do estilo ou quebra, de repente, a sublimidade por trocadilhos ambiguos ou expressões brutalmente realistas. As vezes, e muitas vezes, os seus versos estão em "estilo colloquial", distinguindo-se da presa pelas violências inusitadas do ritmo e da acentuação, tão choquantas aos ouvidos conservadores. Donne é um poeta deformador, como é deformadora a pintura barroca, como a do Greco ao qual — lí a notícia após terminado este artigo — Osbert Sitwell, em livro recentíssimo, o compara. Donne é o Greco da poesia barroca.

Dai a decadência bi-secular da sua gloria, assim como da gloria do Greco. "Barroco", era durante os séculos XVIII e XIX, uma palavra de desprezo. No caso de Donne, a sentença condenatoria foi pronunciada pelo papa do classicismo, Samuel Johnson; conferiu a Donne e aos poetas seus contemporaneos o apelido de "metaphysical poets", que causou grande equívoco. A poesia de Donne tem pouco com metafísica, no sentido de especulação filosófica, como se empre-

ga a palavra hoje em dia. Para Johnson, racionalista raivoso, "metaphysical" tinha outra significação, indicando a "juxtaposição violenta e arbitraria de palavras"; e, neste sentido, a expressão serve bem para descrever o processo poético de Donne — e de toda a poesia moderna. Como os conservadores de hoje, Johnson era cego para aquele mundo de metáforas violentas e tão justas para descrever um mundo da violência. A poesia violenta de Donne vê e aproxima tudo, no mundo e no homem, com todas as contradições inerentes, mas não arbitrariamente; é, ao mesmo tempo, canto funebre dum mundo agonizante e hino exaltado à vida futura. A poética de Johnson correspondia a uma visão simplificada do mundo; é simplificação à visão objetiva, passadista, do classicismo, e é igualmente simplificação à visão subjetiva, revolucionaria, do romantismo. A poesia de Donne está além da oposição convencional entre classicismo e romantismo — justamente como a poesia moderna.

O primeiro crítico que chegou a compreender Donne foi Coleridge; sua noção da "poesia como tensão equilibrada entre qualidades opostas" abriu o caminho da compreensão que terminou em T. S. Eliot pela grande revisão dos valores e a entronização definitiva de Donne.

Donne foi até super-valorizado; compararam-no a Shakespeare. Não é possível passar sob silencio as graves injustiças daqueles "revidores" contra Milton. Atualmente se observa na Inglaterra um movimento retrógrado, mesmo entre os críticos mais avançados; e essa volta a Milton, ao poeta clássico da revolução, é também significativa, indicando que o estabelecimento de um mundo de novos valores se aproxima. Entretanto, Donne conquistou a poesia e a crítica norte-americanas, e considerando-se bem todos os fatos, esse movimento do mundo literario anglo-saxônico faz parte dum movimento maior mundial, caracterizado pela renascença de Góngora na Espanha, pelo interesse por Maurice Scève na França, e pela revalorização dos poetas barrocos na Alemanha, na Italia, na Suécia, e um pouco em toda parte. O mundo poético, limitado até há pouco às regiões do classicismo e romantismo, alargou-se espantosamente. Criou-se uma especie de metapoética que, por meio do arranjar-se uma tradição, justifica a poesia moderna.

A poesia moderna é "metaphysical poetry", naquele sentido equívoco: é herméticamente e colloquial, brutal e angustiada, espirituosa e desesperada; renova uma tradição revolucionaria, o que é expressão contraditória, assim como é contraditória a nossa época. A verdadeira "metafísica" de Donne consiste na "juxtaposição violenta" do canto funeral ao passado e ao hino exaltado às fontes da vida. Donne é nosso.

Numa metáfora famosa de Donne aparece o compasso que fica com uma perna no centro e descreve com a outra a periferia infinita do mundo. Essa metáfora aplica-se bem à relação entre os críticos reacionarios, como Eliot, que intronizaram Donne, e os poetas revolucionarios, como Auden e Spender, que o imitam. A mesma metáfora serve para condensar numa imagem a mentalidade barroca e a mentalidade contemporanea; iria longe a comparação entre duas épocas terríveis de transição, da metafísica à mecânica, do subjetivismo místico à solidariedade social, transição que é o motor das nossas angústias e que inspirou também a doutrina do homem que não é uma ilha e por quem os sinos dobram. "Barroco" é uma expressão ambígua, e muitos não chegam a compreender as contradições dos pintores barrocos, entre a êxtase mística do Greco e o naturalismo brutal de Ribera; à luz das nossas experiencia, aquela contradição nos parece como um buraco no pano pelo qual se adivinha o futuro.

John Donne é o poeta dessa contradição. Está cheio de contradições, porque viu todos os lados da natureza humana — como Gide que tem "pensées de toutes les couleurs" — e os justificou poeticamente, harmonizando-os com o macrocosmo Universo que está também cheio de contradições. Eis o sentido intimo, em Donne, da doutrina, tão moderna, da solidariedade coletiva da Humanidade. Certamente, não existe poesia social mais alta do que esta que nos diz por quem os sinos dobram; dobram por todos nós os sinos da morte e, amanhã, da ressurreição.